

Jornal Brasil Seikyo: um estudo sobre publicação da budista no Brasil¹

Carlos Eduardo BERTIN²

Resumo:

Este artigo tem como proposta analisar o jornal Brasil Seikyo, principal veículo de comunicação da Associação Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI), organização fundamentada nos princípios budistas de Nichiren Daishonin. Com base na teoria dos gêneros e formatos jornalísticos, desenvolvida pelo professor José Marques de Melo (2010), propomos uma análise de conteúdo da edição nº 2.368 (ano 52), de 22 de abril de 2017, com o objetivo de identificar quais os gêneros e formatos jornalísticos são predominantes na publicação. Buscaremos também realizar um resgate do percurso histórico do suplemento a fim de contribuir para as reflexões acadêmicas da interface comunicação e religião com foco no budismo de Nichiren Daishonin. A partir de uma primeira observação do *corpus* identificamos que o jornal Brasil Seikyo possui uma forte característica institucional, além de trazer conteúdos com focos na espiritualidade budista e na figura do líder budista Daisaku Ikeda.

Palavras-Chave: Budismo; Brasil Seikyo; Gêneros Jornalísticos; Comunicação e Religião; Jornalismo.

1. Introdução

Observamos o crescente interesse de acadêmicos pelos estudos sobre “mídia e religião”. Porém, embora em expansão, as pesquisas neste campo abordam, em sua maioria, a relação entre os meios de comunicação com as religiões ocidentais, como o cristianismo por exemplo. Sendo assim, sentimos a necessidade de compreender como uma religião oriental, no caso o budismo, se comunica com seus seguidores. Para entender tal relação, buscamos na Associação Brasil Soka Gakkai Internacional ³ (BSGI), organização fundamentada nos princípios budistas de Nichiren Daishonin aqui no país, um estudo que possa trazer novas perspectivas para a interface “mídia e religião”.

¹ Artigo apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/08/2017.

² Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, publicitário, jornalista e bolsista Capes. E-mail: dudsbertin@gmail.com

³ Filial da Soka Gakkai Internacional (SGI) no Brasil.

Encontramos três veículos nos quais a BSGI se comunica com seus associados. São eles: o jornal *Brasil Seikyo*, a Revista *Terceira Civilização* e a revista *RDEZ*, esta última voltada ao público infantil.

Sendo o *Brasil Seikyo* o principal, o mais antigo e o de maior circulação, julgamos necessária a escolha deste periódico como objeto de estudo.

Desta forma, com base na teoria dos gêneros e formatos jornalísticos, desenvolvida pelo professor José Marques de Melo (2010), propomos uma análise de conteúdo da edição nº 2.368 (ano 52), de 22 de abril de 2017, com o objetivo de identificar quais os gêneros e formatos jornalísticos são predominantes na publicação.

Buscaremos também realizar um resgate do percurso histórico do suplemento a fim de contribuir para as reflexões acadêmicas da interface comunicação e religião com foco no budismo de Nichiren Daishonin.

2. Histórico do budismo e o budismo de Nichiren Daishonin

Embora não seja o foco deste artigo analisar o budismo como religião, julgamos necessária uma explicação sobre alguns termos e conceitos desta religião a fim de proporcionar uma melhor compreensão da pesquisa.

Diante disso, buscamos uma fundamentação teórica que explicasse o que significa o budismo. Encontramos no livro *Fundamentos do Budismo* (2004), coordenado por Maria de Lourdes dos Santos, que budismo é o nome que se dá aos ensinamentos do Buda (SANTOS, 2004, p.14). Mas, afinal, quem foi o Buda?

Encontramos a explicação (SANTOS, 2004, p.15) de que houve vários Budas, porém, o primeiro registrado na história é conhecido por Shakyamuni⁴. Nascido como príncipe no reino dos *Sakyas*, na Índia, compreendeu que as pessoas passavam pelos sofrimentos inevitáveis da vida: nascimento, envelhecimento, doença e morte. Após essa percepção, abandonou o reino e passou a seguir uma vida de abnegação a fim de atingir a iluminação.

⁴ Quando nasceu, ele recebeu o nome de Siddhartha Gautama, que significa “Desejo Satisfeito”. Após atingir a iluminação, foi homenageado como Sakyamuni. *Sakya* refere-se vem da tribo ao qual nasceu e *muni* significa “sábio”(SANTOS, 2004).

Observando que aquela maneira de conduzir a vida estava sendo em vão, engajou-se em uma profunda meditação até conseguir o seu objetivo. Após atingir a iluminação, Shakyamuni pregou durante cinquenta anos, deixando vários ensinamentos, chamados de sutras (SANTOS, 2004, p.17).

Após o falecimento de Shakyamuni, esses ensinamentos foram transmitidos por diversos discípulos, cada qual interpretando e propagando à sua maneira. Desta forma, surgiram várias escolas budistas ao longo dos anos. Como nosso foco é sobre uma organização religiosa fundamentada no budismo de Nichiren Daishonin, iremos abordar apenas essa ramificação.

O Buda Nichiren Daishonin⁵ nasceu em 1222 no Japão e aos doze anos foi estudar o budismo em um templo chamado *Seityo*. De acordo com seus estudos, concluiu que havia várias contradições entre os ensinamentos budistas. Para Daishonin, a essência dos ensinamentos de Shakyamuni se encontrava no sutra do lótus e que o meio que conduz as pessoas à iluminação é o mantra chamado *Nam- Myoho-Rengue- Kyo*⁶ (SANTOS, 2004, p.19).

Desta maneira, todas as pessoas que recitassem este mantra poderiam atingir a iluminação e se tornarem Budas.

Após ser perseguido por propagar este ensino, em 1279, Nichiren Daishonin escreveu o *Gohonzon*⁷ em forma de mandala para que todos os seus discípulos pudessem atingir o estado de Buda⁸, tal como ele (SANTOS, 2004, p.19).

Nichiren Daishonin faleceu em outubro de 1282 na residência de um seguidor onde se localiza hoje a cidade de Tóquio (SANTOS, 2004, p.20).

⁵ Recebeu o nome de Zenniti-marô quando nasceu (SANTOS, 2004).

⁶ Significa a vida iluminada do Buda.

⁷ Objeto de devoção do budismo de Nichiren Daishonin. No centro está escrito em sânscrito Nam-Myoho-Rengue-Kyo.

⁸ Outro nome para iluminação.

3. História da Soka Gakkai, da BSGI e da Soka Gakkai Internacional

A Soka Gakkai foi fundada no ano de 1930 pelos educadores, Tsunessaburo Makiguti, primeiro presidente, e seu discípulo Josei Toda, segundo presidente. Embora os princípios da organização estivessem fundamentados no budismo de Nichiren Daishonin, ela era no início uma sociedade de educadores que estudavam e colocavam em prática a pedagogia Soka (Criação de Valor) de Makiguti (SANTOS, 2004, p.140).

No ano de 1943, os dois fundadores e mais vinte um líderes desta organização foram presos por se oporem à política religiosa e ao controle de liberdade de expressão do governo japonês. Tsunessaburo Makiguti faleceu na prisão em novembro de 1944 e Josei Toda foi libertado em 1945.

Com a morte de Makiguti, Josei Toda iniciou o processo de reconstrução da Soka Gakkai objetivando propagar o budismo às pessoas no Japão pós-guerra (SANTOS, 2004, p.141)

Em 1947, Daisaku Ikeda encontrou-se com Josei Toda em uma palestra sobre filosofia budista e decidiu tornar-se seu discípulo e converter-se ao budismo. Importante salientar que o budismo de Nichiren Daishonin baseia-se no princípio da unicidade de mestre e discípulo, onde ambos atuam pela causa do *Kosen-Rufu*⁹ (SANTOS, 2004, p.156).

Josei Toda assumiu a liderança da Soka Gakkai em 1951 e veio a falecer em 1958. No ano de 1960, Daisaku Ikeda se torna o terceiro presidente da Soka Gakkai e inicia sua viagem ao mundo para fundar a organização em outros países. Ikeda fundou a Soka Gakkai em diversos países, mas oficializou-a como organização mundial apenas em 16 de janeiro de 1975, na Ilha de Guam, dando o nome de Soka Gakkai Internacional (SGI), tornando-se o presidente.

No dia 19 de outubro de 1960, Daisaku Ikeda chega em São Paulo para fundar a organização aqui no Brasil. Fato ocorrido no restaurante Chá Flora, em São Paulo, com cerca de 200 associados, a maioria imigrantes japoneses que praticavam o budismo em seu país de origem (BSGI/SA). Na ocasião, recebeu o nome de Distrito Brasil.

Hoje, a BSGI conta com mais de 200 mil associados em todo o país. Esta organização promove atividades que visam um mútuo incentivo para que cada pessoa possa vencer as

⁹ *Kosen-Rufu* significa propagar amplamente o budismo (SANTOS, 2004).

próprias circunstâncias. Essas atividades acontecem nos 2.500 núcleos de bairros espalhados em todo o Brasil (BSGI/SA).

A BSGI também possui seus programas e projetos culturais que têm por objetivo valorizar o potencial do ser humano. Esses projetos são divididos por áreas. São elas: Educação; Exposições, Artes; Saúde e Bem Estar; Ciências; e Humanismo (BSGI/SA).

4. O jornal *Brasil Seikyo*

A história deste veículo se iniciou no ano de 1965, tendo sua primeira edição publicada no dia 3 de maio daquele ano, com o nome *Boletim da Nova Era*. Um ano depois, passou a se chamar *Brasil Seikyo* por solicitação do presidente da Soka Gakkai, Daisaku Ikeda (BRASIL SEIKYO, 2015, p.7).

A primeira edição contava com apenas 4 páginas. Com o passar dos tempos, o jornal foi crescendo e hoje tem 24 páginas.

Conforme consta na edição especial comemorativa aos 50 anos do jornal, o *Brasil Seikyo* foi importante na divulgação de momentos marcantes da história da BSGI. Desses momentos, destacam-se as três visitas do líder budista Daisaku Ikeda ao Brasil, nos anos de 1966, 1984 e 1993 (BRASIL SEIKYO, 2015, p.7).

Ao longo dos anos, o *Brasil Seikyo* acompanhou os passos de Daisaku Ikeda e publicou seus diálogos com personalidades mundiais. O primeiro deles foi com o barão de Kudenholff, em 9 de dezembro de 1967. Conforme o jornal, esses diálogos entre o líder budista e pensadores do mundo visam à expansão dos laços de confiança e a troca de ideias a fim de contribuir para um mundo mais pacífico (BRASIL SEIKYO, 2015, p.7).

Esta edição especial também elucida as razões da existência deste veículo (BRASIL SEIKYO, 2015, p.4):

- Publicar e eternizar as ações e orientações do Presidente Ikeda;
- Inspirar o leitor a realizar a sua revolução humana;
- Compartilhar relatos e vitórias dos associados da BSGI;
- Ser o manual da fé, prática e estudo do budismo;

- Ensinar com clareza os princípios budistas de acordo com a época;
- Promover o *kosen-rufu* e publicar as notícias da SGI e BSGI;
- Inspirar e ser um farol de esperança e coragem para a sociedade;
- Apresentar o budismo com uma linguagem acessível a todas as pessoas.

Atualmente, aproximadamente 60 mil associados da BSGI assinam o jornal que é publicado semanalmente. Eles podem realizar o pedido mensal por meio do site exclusivo com cadastro somente para integrantes da BSGI ou por assinatura com o coordenador local de impressos. Neste caso, um associado da BSGI de núcleo fica responsável por recolher as assinaturas dos demais membros que não têm acesso à internet.

O *Brasil Seikyo* é produzido por jornalistas, editores e colaboradores de diversas localidades do país (BRASIL SEIKYO, 2015, p.2) e sua distribuição ocorre por meio de entregadores voluntários. Há uma estimativa de 13.000 entregadores deste jornal em todo o país (BRASIL SEIKYO, 2015, p.14).

5. Reflexões sobre gêneros e formatos jornalísticos

Em livro organizado pelo professor Marques de Melo e Francisco de Assis, diversos pesquisadores colaboram para uma melhor compreensão sobre os gêneros e formatos jornalísticos no Brasil.

Em nova classificação, o jornalismo é dividido em 5 gêneros: gênero informativo, gênero opinativo, gênero interpretativo, gênero diversional e gênero utilitário.

O jornalismo informativo apresenta os formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista (TRESKA, 2010, p.85).

Utilizando a classificação de Marques de Melo sobre o gênero informativo, Tresca expõe que:

A nota corresponde ao relato dos acontecimentos que estão em processos de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na televisão. A notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um

relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (apud MARQUES DE MELO, 2003, p.66).

Conforme explica Tresca (2010, p.93), houve pouco avanço na classificação do gênero informativo. Se houve, os critérios foram pouco consistentes.

Desta forma, partiremos para a fundamentação sobre o gênero opinativo.

Usando como ponto de partida a pesquisa de Marques de Melo, Rêgo e Amphilo (2010) explicam que o gênero opinativo emerge de quatro núcleos: da empresa, do jornalista, do colaborador e de leitor (apud MARQUES DE MELO, 2003, p.102).

Vale ressaltar que a opinião da empresa é emitida no editorial e a do jornalista no comentário, na resenha ou crítica, na coluna, na crônica, na caricatura e no artigo. A opinião do leitor é refletida nas cartas (AMPHILO; RÊGO, 2010, p.97).

Os formatos do gênero opinativo são classificados em: editorial, artigo, resenha ou crítica, coluna, crônica, caricatura e carta.

Embora seja importante conceituar todos os formatos, resolvemos fundamentar apenas aqueles existentes no jornal *Brasil Seikyo*, sendo eles o editorial e o artigo, como veremos, posteriormente, no próximo tópico.

Conforme já explicado por Amphilo e Rêgo, o editorial expressa a opinião da empresa jornalística. A partir da contribuição de Beltrão, mais tarde adotada por Marques de Melo, elas elucidam que o editorial possui cinco categorias: morfologia (artigo de fundo, sueto, nota), topicalidade (preventivo, de ação e de consequência), conteúdo (informativo, normativo, ilustrativo), estilo (intelectual e emotivo) e natureza (promocional, circunstancial e polêmico) (AMPHILO; RÊGO, 2010, p.101-102).

O artigo não necessariamente representa a opinião da empresa jornalística (MARQUES DE MELO, 2003, p.65). Os autores de artigos são geralmente pensadores, escritores e especialistas em diversos campos e cujas opiniões interessam ao conhecimento e divulgação do editor e do seu público (AMPHILO; RÊGO, 2010, p.102).

Marques de Melo classifica o artigo em duas espécies: o artigo propriamente dito e o ensaio (2003, p.123).

Interessa-nos, primeiramente, a conceituação do ensaio, por observamos nas páginas do *Brasil Seikyo* a presença deste em suas páginas.

Conforme fundamenta Marques de Melo (apud AMPHILO; RÊGO, 2010, p.102), o ensaio apresenta pontos de vistas mais definidos e alicerçados com solidez, buscando fontes que legitimam sua credibilidade.

Para Marques de Melo (apud AMPHILO; RÊGO, 2010, p.102-103) o artigo é subdividido em doutrinário (sugerindo um ponto de vista ao público) ou científico (objetiva tornar público os avanços da ciência).

Conceituando os dois formatos do gênero opinativo, seguiremos adiante para uma fundamentação teórica sobre o gênero interpretativo.

Embora haja na discussão sobre gênero interpretativo controversas e definições vagas, conforme elucidam (COSTA; LUNCH, 2010, p.121), decidimos utilizar a definição de Dias (1998) para o gênero.

Conforme Dias (apud COSTA; LUNCH, 2010, p.115), o jornalismo interpretativo é um modo de aprofundar a informação com a finalidade de relacionar a informação da atualidade com seu contexto temporal e espacial, não se limitando a dar conta do que acontece, já que o jornalista interpreta o sentido dos acontecimentos.

Os formatos do jornalismo interpretativo são: análise, o perfil, a enquete, cronologia.

A análise é definida como a informação que é analisada pelo autor do texto publicado, com dados complementares que contribuem para que o leitor possa ter um melhor entendimento dos fatos (COSTA; LUNCH, 2010, p.115).

O perfil, conforme explicam Costa e Lunch, compreende a apresentação descritiva do personagem focado, possibilitando a interpretação do seu comportamento perante a sociedade (2010, p.115).

A enquete corresponde ao espaço dedicado para que a informação seja interpretada pelo entrevistado de forma rápida e a cronologia é o complemento da informação com dados cronológicos dos fatos (COSTA; LUNCH, 2010, p.115).

Dentre esses quatro formatos, o perfil é o único que apresenta definições na literatura. No jornalismo, porém, o perfil é texto com enfoque na pessoa, na sua história de vida (COSTA; LUNCH, 2010, p.115-116).

A partir das contribuições de Tyciane Cronemberger Viana Vaz (2010), nos dedicaremos agora para uma compreensão do gênero utilitário.

O jornalismo utilitário é aquele que leva o receptor a informação que ele necessita de imediato ou que pode precisar em algum momento. Tal informação o ajuda a tomar decisões que podem influenciar em suas ações cotidianas (VAZ, 2010, p.125).

Também chamado de jornalismo de serviço, este gênero se dedica a divulgação de indicadores meteorológicos, reportagens sobre economia que levam o receptor a pensar sobre o que deve ou não fazer com seu dinheiro, informações de saúde, etc. (VAZ, 2010, p.125).

Conforme Parrat, “o jornalismo de serviço ocupa-se em proporcionar uma variedade de ferramentas necessárias para as atividades práticas da vida do cidadão, isso em formas de guias, listas ou conselhos” (apud VAZ, 2010, p.126).

Os formatos do gênero utilitário, conforme Marques de Melo, são classificados da seguinte forma: indicador (com dados fundamentais para a tomada de decisão cotidiana), cotação (com dados sobre a variação de mercados), roteiros (com dados indispensáveis ao consumo dos bens simbólicos) e serviço (com informações destinadas a proteger os usuários de serviços).

Após apresentar a fundamentação sobre esses quatro gêneros jornalísticos, propomos agora um estudo sobre o quinto e último gênero classificado no livro organizado por Marques de Melo: o gênero diversional.

Conforme Erbolato, as bases fundadoras do jornalismo diversional se encontram no movimento norte-americano denominado *New Journalism*, que revolucionou as formas de fazer jornalismo na segunda metade do século 20 (apud ASSIS, 2010, p.145).

Assis (2010, p.145) explica que até então, o trabalho da imprensa daquele país era marcado pela valorização de textos padronizados e sem grandes atrativos. A partir daquele momento, alguns jornalistas começaram a produzir matérias em que descreviam situações, reproduziam diálogos e revelavam sonhos e conjecturas das pessoas envolvidas na narrativa.

O gênero diversional pode ser estudado também a partir de outras perspectivas. Assim sendo, os estudos sobre o jornalismo literário podem trazer um melhor entendimento sobre o assunto. Conforme explica Assis (2010, p.150), tanto o jornalismo diversional quanto o jornalismo literário são produções jornalísticas que se valem de técnicas de narrativas literárias.

O jornalismo literário é defendido por Pena como um gênero autônomo, composto por outros subgêneros – biografias, romances-reportagens, etc. Ele entende que textos dessa natureza convergem várias vertentes do jornalismo (ASSIS, 2010, p.150).

Desta forma, segundo Pena: “Ao juntar elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose” (apud ASSIS, 2010, p.150).

Diante disso, Pena deixa claro que isso se trata de uma verossimilhança e não de uma dicotomia entre ficção ou verdade e nem de uma oposição entre informar ou entreter, mas de uma narrativa em que ambos estão misturados (apud ASSIS, 2010, p.150).

Quanto aos formatos do gênero diversional, estes são classificados em história de interesse humano e história colorida.

Conforme a fundamentação de Assis,

A história de interesse humano oferece uma releitura do acontecimento a partir de detalhes que possam suscitar a emoção do leitor, os quais são costurados numa narrativa bem elaborada; já a história colorida tem como tônica a descrição dos cenários onde os fatos ocorrem, suas cores e as sensações percebidas pelo repórter. Por isso mesmo, ambos os formatos exigem que o jornalista vá a campo fazer sua apuração (ASSIS, 2010, p.151).

Em suas reflexões sobre o gênero diversional, Assis (2010, p.159) conclui que classificá-lo como categoria do jornalismo é que há espaço, dentro da imprensa, para materiais que vão além do *hard news*.

Diante deste estudo, buscamos fundamentar e refletir sobre a questão de gêneros e formatos no jornalismo. A partir destas contribuições, partiremos para a análise do nosso objeto de estudo a fim de identificar quais os gêneros e formatos predominantes no jornal.

6. Corpus de Análise – *Brasil Seikyo*, edição 2368

Como *corpus* de análise para esta pesquisa, utilizamos a edição nº 2368, publicada no dia 22 de abril de 2017, e como metodologia usamos a análise de conteúdo, pela perspectiva de Bardin (1977), a fim de descrever o conteúdo emitido pelo jornal.

Identificamos 3 cadernos (caderno A, caderno B e caderno C) nesta edição. Ao todo, somam-se 16 páginas com publicações. Um número menor do que o descrito em nosso histórico sobre o jornal.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Diante disso, elaboramos um quadro com o conteúdo publicado na edição analisada.

Tabela das matérias publicadas pelo Brasil Seikyo

| Caderno/ Página | Matéria | Gênero | Formato |
|------------------------|--|----------------|-------------------|
| A2 | O despertar da mudança | Opinativo | Editorial |
| A2 | Soprem novos ares | Opinativo | Artigo/ensaio |
| A2 | SGI inaugura Centro Cultural e Educacional da Ásia | Informativo | Notícia |
| A3 | Mensagem | | |
| A4 | É preciso acreditar | Diversional | Interesse humano |
| A5 | Esperança para toda a humanidade | Interpretativo | Perfil |
| A7 | Compreender e aplicar na vida | Informativo | Notícia |
| A6 | Renovação de assinaturas | Utilitário | Serviços |
| A7 | Esforço e vitória | Informativo | Notícia |
| A8 | Hoje é mais uma segunda-feira feliz | Informativo | Reportagem |
| A8 | Avanço de contínuas vitórias | Informativo | Reportagem |
| B1, B2 e B3 | Desenvolver sucessores- agora é a hora de construir o futuro | Opinativo | Artigo/ensaio |
| B4 | Poemas | | |
| C1, C2, C3 e C4 | Capítulo “Espírito de procura” | Diversional | História colorida |

Em análise sobre o material coletado, percebemos que as matérias publicadas cumprem as funções exigidas dos gêneros e formatos jornalísticos. Porém, identificamos algumas peculiaridades do jornal que devem ser ressaltadas.

Identificamos que os dois ensaios publicados no jornal são de autoria do Presidente da SGI, Daisaku Ikeda, extraídos do *Seikyo Shimbun*, jornal da Soka Gakkai circulado no Japão.

Além dos ensaios, foi publicada uma mensagem do líder budista, conforme podemos observar na tabela acima, publicada na página A3. Notamos também que o editorial ressalta a prática budista por meio dos direcionamentos do presidente da SGI.

Na matéria intitulada “É preciso acreditar!”, publicada na página A4, encontramos a história de uma jovem associada da BSGI, que relata suas experiências sobre a prática budista. Observamos nesta matéria a história de interesse humano, ressaltando os acontecimentos da vida da personagem e com detalhes que possam provocar a emoção no leitor.

Na matéria publicada página A5, com o título “Esperança para toda a humanidade”, identificamos a presença do gênero interpretativo por meio do formato perfil. Verificamos que a publicação é focada no Buda Nichiren Daishonin, ressaltando seu comportamento e suas ações para propagar o seu ensinamento no Japão.

O caderno C é dedicado à publicação do romance “Nova Revolução Humana”, de autoria de Daisaku Ikeda. Neste livro é relatada toda a história da Soka Gakkai no Japão e no mundo. Percebemos as características do jornalismo literário, mesclando a ficção e a realidade. Sendo assim, este caderno se encaixa no gênero diversional e no formato história colorida, pois apresenta a descrição dos fatos, dos locais e as percepções do autor do texto.

Vale ressaltar que a única matéria publicada como gênero utilitário dedica-se sobre a renovação de assinaturas para os associados da BSGI.

Quanto às demais matérias, julgamos não ser necessário realizar muitos apontamentos, sendo que essas relatam apenas notícias e reportagens da SGI e da BSGI.

Notamos também que uma página do jornal, no caso B4, é dedicada a fotos e poemas do líder budista, Daisaku Ikeda.

7. Considerações finais

A partir de uma primeira observação do *Brasil Seikyo* identificamos a presença dos cinco gêneros jornalísticos (informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional). Diante disso, percebemos que este jornal possui uma forte característica institucional e busca trazer publicações com foco na espiritualidade budista e na figura do líder budista, Daisaku Ikeda.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco. Gênero diversional. In: ASSIS, Francisco; MARQUES DE MELO, José (orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. p.141-162.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.

AMPHILO, Maria Isabel; RÊGO, Ana Regina. Gênero opinativo. In: ASSIS, Francisco; MARQUES DE MELO, José (orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. p.95-108.

COSTA, Lailton Alves da; LUTCH, J.M.P. Gênero Interpretativo. In: ASSIS, Francisco; MARQUES DE MELO, José (orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. p.109-124.

IMPrensa em prol do triunfo humano. **Brasil Seikyo**, 9 mai. 2015. Suplemento do jornal Brasil Seikyo, p.4.

INICIA-SE uma nova era. **Brasil Seikyo**, 9 mai. 2015. Suplemento do jornal Brasil Seikyo, p.7.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinitivo: Gêneros Opinitivos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

O florescer da cultura humana. **Brasil Seikyo**. 9 mai.2015. Suplemento do jornal Brasil Seikyo, p.8.

O jornal em números. **Brasil Seikyo**. 9 mai.2015. Suplemento do jornal Brasil Seikyo, p.14.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. **Fundamentos do Budismo**. 2ªed. São Paulo: Brasil Seikyo, 2004.

TRESCA, Laura Conde. Gênero informativo. In: ASSIS, Francisco; MARQUES DE MELO, José (orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. p.85-94.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Gênero utilitário. In: ASSIS, Francisco; MARQUES DE MELO, José (orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. p.125-140.



ECLESIOCOM



Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017
